

H. 257  
17991 27  
20

# NOTICIA

DE

HUM LASTIMOSO SUSSESSO  
ACONTECIDO NA ILHA DA

MARTINICA,

ESTE ANNO DE 1757.

**O** Mundo, que outra cousa não he, mais que continuado Theatro de tragicas representações, tem mostrado em diferentes partes do seu ambito infaustas scenas, em que muitos homens tem sido victimas da infelicidade; e supposto, que algumas vezes se experimentem prosperos os successos, não deixão com tudo de ser á força de trabalho confeguidos: mas pela mayor parte todos se queixaõ de infortunios, que só são proprios a huma vida, que he desterro da culpa, que nos deixaraõ por herança os primeiros propagadores da humanidade. E neste presente seculo não tem faltado miseraveis espectaculos para a compaixão, e na continuação dos desastres, quando se recordaõ calamidades, he ja á vista de outros acontecimentos igualmente tristes, que lastimosos. Esta nossa Época, ainda se manifesta mais sensível, quando mudada a ordem da natureza, os mesmos elementos se alteraõ, para servirem de confusão aos mesmos homens, a que devem conservar a subsistencia. Bem o daõ a conhecer os continuos Terremotos, em que como encendida

didá a chamma da colera Divina , a todo o mundo representa o ameaço do feu poder eterno. As discordias , com que Europa se está incitando ao furor das armas tambem são scenas infelices das tragedias , de que se compoem este Theatro. E como não paraõ estas desgraças ; daremos a lér huma , não ha muito succedida , a qual declara , pela voz dos elementos a grandeza , que tem o braço poderoso do Creador Omnipotente.

Pelas noticias expedidas de Pariz aos 7 de Março do presente anno , se sabe , que aos 12 de Setembro do anno passado com hum terrivel , e formidavel furacaõ , se vio arruinada quasi toda a Martinica , Ilha sujeita , na America Septentrional , aos dominios de França , e na verdade foy o mayor , que tem experimentado seus moradores , dos muitos que tem soffrido , e a que a situaçaõ da Ilha está exposta. Começou na tarde a escurecerse o ar , e carregadas as nuvens , mostravaõ no pavoroso das sombras aquelle semblante proprio dos desastres. Immediatamente soltando-se os ventos com espantoso impeto , annunciavaõ nos bramidos a certeza do damno , que haviaõ produzir. Sentiraõ os moradores aballar os edificios , e querendo evitar a ruina , fugiaõ para a rua , a procurar no remedio da vida mais breve caminho de evitar o estrago ; mas as casas , de que sahiaõ , logo a porta lhe tomavaõ os passos , que dirigiaõ , para o livramento ; porque não podendo terse ao vigor do vento , cahiaõ arruinadas até os primeiros alicerces. Em outras partes voavaõ os tectos pelos ares , não sendo menor a

con-

confusão dos que, vendo este espectáculo, não sabião qual seria a victima sobre que cahisse o golpe. Tudo eraõ clamores ao Ceo, mas o pavor mais ensinava os meyo da fugida, que os da compunção. Taes são os affectos dos homens, que se os acorda o flagelo, mais cuidaõ em fugillo, que em applicallo.

Continuou o vento, e seguindose-lhe hum furacaõ mayor, igualou a principal, e mais importante parte dos edifficios com a terra, confundindo os materiaes de humas com as outras, que apenas se conheciaõ nas reliquias os vestigios das habitaçoens, e dos lugares, vieraõ a terra os melhores engenhos das fabricas do assucar, que aquella Ilha lavra, as officinas do caffè ficaraõ inteiramente destruidas. As plantas humas arrancadas, e outras incapazes de darem a sua producção, serviaõ de objecto lastimoso. Grande parte dos bosques, que formoseavaõ a Ilha, sentio igual destroço, e com a furia do vento se vio, a pouco espaço, hir sobre as ondas do mar, servindo de incentivo ao pranto, os gados, não podendo receber abrigo, foraõ impelidos a igual fatalidade, ficando por esta fórma confternada a diurnal agricultura daquelles infelices, que vendo-se arruinados, não sabiaõ outro acorrido, mais que o que ensina no silencio o pasmo. Mais brando se experimentava o vento, quando abrindo-se as nuvens, começaraõ a soltar huma copiosa chuva, que durando até o dia vinte, dava indicios de que abertas as celestes cataratas traziaõ ao universo hum segundo, e geral dilu-

vio. Com esta segunda tempestade accresceraõ os trabalhos aos moradores, vendo, que a agua lhes levava os meyos da sua sustentação, nos alimentos, que boyando sobre as correntes, hiaõ sepultarlhe no Occeanno aquellas unicas esperanças do remedio. Tudo o que jaz nesta Ilha da parte de Norte, e Sul sentio o ultimo destroço, e só ficaraõ (bem que inhabitaveis) as casas, que correm do Monte de *S. Francisco* até *Casa Navire*. Alguns engenhos de assucar naõ cahiraõ, mas voando-lhes os tectos se perdeo toda a copia, que havia, com a successiva chuva, unicamente se salvou alguma *Mandioca*, mas por falta de donde a recolhessem da chuva, ficou restando pouca quantidade, que quando muito duraria até dous mezes. Monfr. de *Bompar*, Governador da Martinica, tinha feito abundantes provisoens de todos os viveres, que produzia a Ilha, obrigando com arte aos habitantes a que plantassem toda a especie, que podia fructificar na producção, o que junto com a permissaõ, que concedera para se conduzirem semelhantes muniçoens de boca das Ilhas Hollandezas, e com os subsidios, que havia pouco chegaraõ da Europa, fazia o Paiz seguro na abundancia, e dava a conhecer capaz de rezistir aos contratempos da guerra, aonde a falta do sustento, faz a mayor fortaleza indefensavel. Porém todas estas provisoens se perderaõ totalmente na forma que ja fica referida.

Na vespera do dia da tempestade tinhaõ arribado áquelle porto alguns navios de França, e se preparavaõ para dar carêna: mas dous se despedaçaraõ

pedaçaraõ com o furacaõ , perdendo-se a mayor parte da sua carga , dos outros , dous querendo fazerse ao mar , a breves espaços se foy hum ao fundo , e hum coffario , que chegava dos *Barbados* , salvou ainda quinze homens da equipagem , que fiavaõ as esperanças da vida em hum pedaço de mastro , que cortaraõ antes , que o navio de todo fosse a pique , do outro naõ houve mais noticia : todos os barcos , que estavaõ no porto , padeceraõ miseravel destruiçaõ. Os coffarios , que estavaõ sobre a amarra , igualmente sentiraõ este damno. A fragata de Guerra , o *Zephiro* , commandada por Monf. de la *Touche Treville* , que era pertencente á esquadra de Monf. d' *Autigny* , sahio na vespera do dia deste successo acompanhada de dous coffarios , e de hum grande navio bem esquipado , soffreraõ na mesma furia total calamidade , hum delles , que era commandado por Monf. *Longueil Huraul* , e *Rochovart* , e guarnecido com mais de cem homens , se perdeu na boca do canal de Santa Luzia , e unicamente se salvou huma pessoa pegada a hum remo , e bo-yando sobre as ondas , veyo dar a *Caze Pilote* , do outro , que era commandado por Monf. de *Meabeau* , e Monf. *Marim* , guarnecido de cento e vinte homens , além de trinta e cinco , que pertenciaõ á guarniçaõ da Martinica , naõ tem até agora havido noticia alguma , que diga o seu successo , que igualmente se julga deploravel , e se faz sensivel esta perda pela consequencia , que resultava á Ilha na continuacaõ das prezas , que fazia aos Inglezes , que cruzavaõ aquelles mares.

O numero de pessoas , que morrerão na Ilha he consideravelmente grande ; sendo a sua mayor parte a dos escravos , e naturaes daquelle continente , que se vê reduzido a hum estado digno da compaixão mais lastimosa. Este he o successo de que damos noticia ao publico , para que se veja , que no Thetro do mundo não mais se representaõ , que scenas horrorosas , e infelices. Mas quem será o que olhando para a continuacão dos infortunios , deixe de acreditar por avisos as que sómente julga accidentaes desgraças ? Se por acaso ha quem attribua semelhantes tormentas a origem da natureza , sayba , que nunca melhor se observão os signaes do furor Divino , que quando alterada a ordem natural dos elementos quer publicar na sua colera hum testemunho evidente de estar aggravada a Magestade superior. Tudo pôde servir de voz para acordar do somno da culpa ; a menor inspiracão he muitas vezes o mayor auxilio : pois porque não o será quando claramente vemos com os nossos olhos as provas efficazes da indignacão celeste ? Duvidar que Deos nos falta por meyo das segundas causas será negar a condicão do seu poder , quando ellas lhe servem de instrumento para o seu justo desagravo.

Acordem pois os homens do inerte somno , fenaõ querem , que a morte os alcance engolfados no pelago da culpa , o que além succedeo nos pôde sobre vir , e o todo Poderoso , que nos deu ja hum taõ grande aviso , ainda na distancia nos apresenta a espada da vingança , como quem retirando-se na certeza da nossa emenda , torna a

voltar os olhos de longe, para observar a resolução da nossa permanencia, que só pertende mais por nosso remedio, que por seu interesse, pois Deos para ser Deos, não precisa do nosso amor, nem em o nosso conhecimento consite a prova da sua immensidade: avisa-nos por bem da nossa propria salvação; não quer a nossa ruina eterna, porque nos tem amor; e he diverso o querer por affecto, do que por obrigação, que em Deos não cabe: quer-nos fim, mas he por infinito amor, que tem às creaturas, a quem para salvallas da culpa do primeiro homem, quiz, e resgatou á custa do seu precioso Sangue, e morte, que como homem padeceo voluntario só para remir-nos: e se em Deos houve tão extraordinaria fineza, não seja por nós mal pago tão extremoso empenho, pois além de obrarmos a mais detestavel villania, ficamos expostos á sua indignação. Porque se em a nossa humanidade desejamos vingança, de quem mal nos corresponde, muito mais avultada será a satisfação, que Deos nos pedirá á vista da nossa ingrata recompensa, se he o seu amoroso empenho infinitamente mayor, que o que cabe em toda a comprehensão de humano affecto. Assim pois não haja mais pensamento, que o de amar a Deos, ja que a grandeza do seu amor nos communica os bens, os gostos, as virtudes, e nos promete a gloria; esta justiça está obrigando a nossa recompensa pela acção, que resulta da divida, em que lhe estamos, e ainda que esta não houvesse, bastava o attender á sua immensidade para lhe querermos sómente pelo que he, e não tanto

tanto pelo que esperamos ; porque , ainda que he  
 esperança arrazoada, o amor para com Deos tanto  
 he mais puro , quanto mais attende o adorarlhe a  
 divindade sem o objecto do premio , ou temor da  
 sua indignação eterna. Amemos pois a Deos, que  
 sem que lhe pessamos o agradecimento , terá cui-  
 dado de nos pagar a efficacia da nossa resolução ,  
 livrando-nos dos perigos, a que está exposta a nos-  
 sa fragil , e caduca vida em mil infelices tempora-  
 lidades , e conferindo-nos o premio , que cabe  
 na grandeza de quem todo he immenso , eterno ,  
 ineffavel , e todo Poderoso na terra , e no abyf-  
 mo , e glorificador na Celeste Jeruzalem , unica  
 Patria , e descanso dos Bemaventurados.

# L I S B O A ,

Na Offic. junto a S.Bento de Xabregas

*Com as licenças necessarias.* Anno 1757.